

Aspectos da Educação Ambiental em uma escola de Ensino Fundamental em Fortaleza

Bruno Venancio de Oliveira¹
Ivan Jeferson Sampaio Diogo²

Resumo: Esse texto traz resultados de um trabalho no qual o objetivo foi de analisar como é compreendida e/ou realizada a Educação Ambiental em uma escola pública em Fortaleza- CE. A investigação teve como ferramentas metodológicas a utilização de questionários, e houve a participação de cinco professores do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal. Podemos considerar que algumas tendências sobre a Educação Ambiental se tornam mais presentes em contextos escolares. Portanto, ao analisar e perceber que no contexto investigado, há uma forte macrotendência de uma perspectiva em EA mais conservadora.

Palavras chave: professores, ensino, educação ambiental na escola.

-
- 1 Mestre pelo curso de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del Rei- MG, brunovenanciob@gmail.com
 - 2 Doutor pelo curso de Biologia Vegetal na Universidade Estadual de Campinas-SP, Professor do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, ivan.diogo@ifpb.edu.br

Introdução

Esse texto traz resultados de um trabalho em que o objeto foi de analisar como é compreendida e/ou realizada a Educação Ambiental (EA) em uma escola pública em Fortaleza- CE.

Em 1968, a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), desenvolve um estudo sobre o meio ambiente e a escola e destaca que o meio ambiente se constitui como um conceito que envolve aspectos de ordem social, política, econômica, cultural e ética, além dos aspectos físicos, biológicos e químicos já conhecidos. Esse estudo representa um grande avanço no sentido de uma maior aproximação na relação homem versus natureza, quebrando a dicotomia presente até então (SILVA, 2018).

A partir desse momento se inicia uma discussão mais específica de caráter mundial sobre educação ambiental, colocando o tema no status de assunto oficial para a Organização das Nações Unidas (ONU) com projeção global. A ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) seriam as instituições responsáveis pela elaboração de um programa internacional de educação ambiental.

No que tange a EA e as questões educacionais, no Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei nº 9.795/99, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental passa a ser um “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Art. 2º) e também pelo “pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade” (Art. 4º). Dessa forma, percebe-se um movimento de trazer para a educação as concepções iniciais sobre EA.

A resolução nº 02 de 15 de Junho de 2012 do Conselho Nacional de Educação, dispõe as Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental, que, a partir do Art. 2º apresenta uma compreensão de educação ambiental em que “o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 2012).

Apoiados nos estudos de Guimarães (2013), em que traz compreensão de uma Educação Ambiental crítica, política, emancipatória e popular, compartilhando seus princípios, conceitos e fundamentos. E corrobora Silva

(2018) ao abordar a pluralidade da EA, e ao destacar duas grandes vertentes de pensamento no Brasil. Uma delas é tida como de cunho “reformista”, que tende a focar na mudança de hábitos e ações individuais. Guimarães (2015), por sua vez, adota a denominação de Educação Ambiental Conservadora, que está relacionada a essa ideia de que a sociedade muda por meio do somatório das ações dos sujeitos. O autor aponta uma outra proposta, a Educação Ambiental Crítica, que tem como compromisso, apontar a opressão do homem e da natureza, desnudando as relações de poder na sociedade, em processo de politização das ações humanas. Silva (2018) também aborda essa perspectiva ao sinalizar que essa outra ideia está relacionada ao próprio modelo de sociedade ocidental. Portanto, ao compreender a complexidade social, não basta “cada um fazer sua parte” (SILVA, 2018, p. 43) para que os problemas sejam resolvidos.

Quintas (2006) destaca que uma vez considerados os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, esses estão condicionados à forma com que tratamos o meio ambiente. Com isso, uma proposta educativa que está respaldada em uma visão mais ampla, possibilita uma troca de saberes de cunho problematizador e com vistas para uma real transformação na sociedade de caráter libertador.

A investigação teve como ferramentas metodológicas a utilização de questionários, e houve a participação de cinco professores do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal. As questões objetivavam uma melhor compreensão de como a EA era abordada/trabalhada na escola. Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Destacamos que o questionário abordava em sua maior parte questões discursivas, o que para nós, se faz importante, uma vez que não limitamos as respostas sobre os temas elencados. Portanto, o questionário abordava questões relacionadas a quais objetivos a EA estava sendo tratada em sala de aula, quais as concepções/perspectivas de AE que ancoravam as propostas de aula. Tentamos compreender quais são os conteúdos/assuntos que são mais relacionados às discussões referentes a EA em sala de aula, e se havia algum projeto no qual a escola estava inserida. Dentre outras questões, tínhamos como objetivo compreender e analisar como a EA era trabalhada e articulada.

Essa proposta de investigação está sustentada na perspectiva da pesquisa qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2017), que pressupõe e orienta a obtenção de dados descritivos, o que deve proporcionar um diálogo com o objeto de estudo. As autoras enfatizam que a pesquisa qualitativa tem uma preocupação com o processo, pois é desse modo que são construídas as questões e hipóteses, o que possibilita um direcionamento para a pesquisa.

Resultados e Discussão

Para esse texto, elencamos as respostas que mais evidenciavam questões acerca da EA, e que de certa forma eram recorrentes entre os professores que participaram dessa pesquisa. Portanto, trazemos trechos de algumas respostas que emergem diferentes olhares e concepções sobre a EA e a forma com que é abordada nas salas de aula.

De acordo com a primeira pergunta do questionário - “a Educação Ambiental objetiva o ensino de preservação da natureza?” -, todas as respostas obtidas foram afirmativas. De forma geral, os professores apontaram que existem várias formas de se trabalhar, como projetos e atividades. É interessante pontuar que ainda acrescentam, uma vez sendo realizado um bom trabalho, pode haver uma ajuda na preservação da natureza em geral, como recursos naturais, camada de ozônio e água, por exemplo. Além da importância na divulgação dessas ações, que o que levará adiante todas as atividades relacionadas. As opiniões dos professores demonstram a EA possui um lado muito ligado às ações individuais. De acordo com Guimarães (2013) e Silva (2018), essa visão individual da EA ainda é muito explorada na educação.

Um outro ponto interessante a ser tratado é sobre os “eventos, palestras, conferências, cursos, datas comemorativas que participou junto a Escola”. Os professores demonstram que participaram de um evento promovido pelo Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto – SAAE do município, que tinha como foco principal, a preservação da água. No entanto, não abordaram nenhuma atividade junto ao Dia do Meio Ambiente, Dia da Árvore, Feira de Ciências, que comumente ocorre de modo interdisciplinar nas escolas. Esse resultado reafirma a necessidade de se trabalhar a EA junto aos professores e alunos de forma mais incisiva, direta e frequente.

Em relação à concepção relacionada à Educação Ambiental, os professores apontaram a importância de se trabalhar e repassar para a comunidade a relevância da conscientização e, assim, sensibilizar a todos a fim de proteger o meio ambiente. Mais uma vez, percebemos esse aspecto da EA mais

conservadora e voltada para atividades que envolvam ações dos sujeitos para as melhoras do meio ambiente.

Quando perguntado aos professores “Onde se encontra a Educação Ambiental no currículo da escola?”, somente três professores responderam e, de forma geral, eles sinalizam que a EA é abordada durante o ano letivo. Eles destacam que são atividades que envolvem pequenos textos e que de maneira mais ampla, é trabalhada como um tema transversal, uma vez que ainda indicam a possibilidade de do tema surgir em qualquer aula. Araújo e Domingos (2018) admitem a interdisciplinaridade como um conjunto de ações que consigam motivar um determinado movimento nas escolas, o que em sua grande parte acaba por estreitar em concepções subjetivas advindas de normas curriculares e de gestão.

Ainda nesse tema, os professores apontam que apenas quatro assuntos são explorados, sendo eles “água, poluição, preservação e reciclagem”. Não foram elencados muitos detalhes sobre a forma com que esses temas são trabalhos em sala de aula, mas de forma geral, percebemos que questões sócio-políticas não permeiam as discussões.

Quando perguntado “Você acredita que por meio da educação ambiental, a nossa realidade relacionada aos problemas ambientais pode mudar?”. Os professores descreveram a relevância de sensibilizar as pessoas, conscientizando sobre a importância do Meio Ambiente. Trazem ainda, que as mudanças no meio ambiente estão diretamente ligadas a ação humana, e que é preciso colocar em prática em casa o que se aprende na escola. As respostas ainda nos apontam para um pensamento voltado para que a solução está na educação e na sensibilização das futuras gerações e por meio da escola pode-se instruir de forma direta e indireta na sociedade.

Diante do exposto, podemos perceber que há um grande caminho ainda a ser percorrido acerca da EA em contextos escolares. Dialogamos com Loureiro (2015, p. 47) ao argumentar sobre as finalidades da Educação, “[...] Educar para...’ dá a entender que se educa com fins instrumentais, que podem estar dissociados de fins emancipatórios e reflexivos”. Portanto, é importante que o ensino assuma um papel não só de transmissão de conhecimento, mas também de um processo de transformação da vida dos sujeitos.

Corroboramos Araújo e Domingos (2018) ao esclarecerem sobre as dificuldades de se atender aos critérios esperados para os trabalhos em EA nas escolas. As autoras apontam que as dificuldades permeiam o currículo, o sistema administrativo, as concepções dos gestores e os próprios recursos, considerando os diferentes contextos escolares.

Contudo, se faz importante destacar que inicialmente, para que haja de forma efetiva a EA nas escolas, é necessário que se tenha compromisso (de professores e gestores) sobre a relevância que EA tem na formação de sujeitos reflexivos e com uma proposta socioambiental bem esclarecida (ARAÚJO; DOMINGOS, 2018).

Considerações finais

Após o estudo, podemos considerar que algumas tendências sobre a Educação Ambiental se tornam mais presentes em contextos escolares. Portanto, ao analisar e perceber que no contexto investigado, há uma forte macrotendência de uma perspectiva em EA mais conservadora. Uma das vertentes de pensamento acerca da EA no Brasil está relacionada a uma visão que tende a promover a mudança de hábitos dos sujeitos.

Portanto, essa ideia está pautada na ação individual e na formação de comportamentos mais responsáveis em relação ao meio ambiente. Sendo assim, o resultado se deve ao somatório das ações individuais para que haja uma mudança na sociedade.

Evidenciamos uma EA que tenha como referência a ruptura com práticas escolares que estejam articuladas e enviesadas com interesses do neoliberalismo. Pretendendo assim, que os trabalhos estejam vinculados com uma perspectiva revolucionária, democrática e libertadora dos sujeitos. Dessa forma, mais estudos devem ser conduzidos sobre as perspectivas da EA por parte dos professores em todos os níveis de ensino, e reforçamos a necessidade de uma Educação Ambiental que esteja presente na formação docente. Além disso, é importante que a EA seja encarada como um projeto não somente de uma disciplina ou conteúdo, mas inserida nas diversas áreas do conhecimento.

Referências

ANDRADE, S. **Educação Ambiental:** curso básico à distância: questões ambientais, conceitos, história, problemas e alternativas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.

ANTUNES, M. A. M. **Importância da Educação Ambiental.** Instituto Teotônio Vilela, 2014.

ARAÚJO, M. I. O; DOMINGOS, P. Perspectiva teórico-metodológica da educação ambiental na escola. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol.13, n.1, 2018 – p. 182-195.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual da Educação**. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/ IDEC, 2009.

BRASIL. Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo. **Entendendo o Meio Ambiente**. 1ªed. São Paulo: Editora Autor, 1997.

CORREA, E. M. **Aspectos Jurídicos em Estudos e Relatórios de Impacto Ambiental**. 2009.

DIAS, G. F. **Pegada Ecológica e Sustentabilidade**. São Paulo: Gaia, 2012.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2015.

LOMBARDI, J. C; SAVIANI, D. (orgs.). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2008.

LOUREIRO, C. F.B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. C. (Orgs.) **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez.2012. p. 72-103.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisas em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2017.

QUINTAS, J.S. **Educação ambiental e sustentabilidade política**. V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental. Joinville, 2006.

OLIVEIRA, E. M. **A Educação Ambiental uma possível abordagem**. Brasília, Edições IBAMA, 2010.

PINHEIRO, D. R. C. **Desenvolvimento sustentável: desafios e discussões.** Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2016.

SANTOS, J. **Cosmovisão, epistemologia e educação: uma compreensão holística da realidade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2009.

SATO, M. **Educação Ambiental.** São Carlos: Rima, 2012.

VILVA, G. L.F. **Formação de Educadores Ambientais na Universidade: diálogo entre saberes e práticas ambientais socioeducativas, um estudo de caso em uma Universidade.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

TREIN, E. S. A educação ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação** N ° 14 – agosto/dezembro de 2012.